“MARIA”: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E DO RACISMO NO CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Keylla Amarilio do Nascimento
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)
E-mail: ja-rezende@uol.com.br

Andre Rezende Benatti
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca abordar a representação da personagem Maria no conto homônimo, de Conceição Evaristo, escritora mineira, negra, que pensa e reflete sobre a condição da mulher negra, em sua escrita literária. O conto está publicado na obra *Olhos d’água*, de 2014, junto a outras narrativas que também se circunscrevem no âmbito da literatura negra e feminina, revelando um mundo paralelo ao mundo da literatura, ressaltando personagens, elementos e espaços marginalizados e que são pouco prestigiados no discurso literário. “Maria”, enquanto um conto contemporâneo, deixa marcas e metáforas de estruturas, estigmas e preconceitos antigos que persistem desde a época da colonização e da escravatura. Para embasar os tópicos sobre as questões que envolvem alguns aspectos sobre a condição negra, assim como sobre a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade negra; racismo; literatura brasileira; Conceição Evaristo; “Maria”.

MARIA: REPRESENTATION OF BLACK WOMAN AND RACISM IN CONCEIÇÃO EVARISTO´S SHORT STORIES.

RESUMEN

El presente trabajo busca abordar la representación del personaje Maria en el cuento homónimo, de Conceição Evaristo, escritora minera, negra, que piensa y reflexiona sobre la condición de la mujer negra en su escritura literaria. El cuento está publicado en la obra *Olhos d’água*, de 2014, junto a otras narrativas que también se circunscriben en el ámbito de la literatura negra y femenina revelando un mundo paralelo al mundo de la literatura, resaltando personajes, elementos y espacios marginados y que son poco prestigiosos en el discurso literario. "Maria", mientras un cuento contemporáneo deja marcas y metáforas de estructuras, estigmas y preconceptos antiguos que persisten desde la época de la colonización y de la esclavitud. Para basar los tópicos sobre las cuestiones que involucran algunos aspectos sobre la condición negra, así como sobre la mujer.

PALABRAS CLAVE: Identidad negra; racismo; literatura brasileña; Conceição Evaristo; “Maria”.

INTRODUÇÃO

Embora a escravidão no Brasil tenha sido um sistema de importação e exploração dos negros africanos ocorridos entre os séculos XVI até XIX e que inicialmente se originou com a exploração e genocídio dos indígenas que habitavam as terras, pode-se afirmar que tanto os afrodescendentes como os indígenas brasileiros sentem na pele, diariamente, na contemporaneidade, o peso da colonização e de uma escravidão sofrida por seus antepassados que muitos ignoram.

A escravidão não foi abolida ainda no século XIX, talvez formalmente. Mas implicitamente, ela existe e subsiste nos discursos, na postura e no comportamento de muitos que inferiorizam direta ou indiretamente aqueles que carregam traços das etnias negras africanas, mesmo tendo se passado mais de 100 anos do fim oficial da escravidão negra no Brasil. O modo estigmatizado de olhar para a figura do negro, de subjugar suas capacidades e da escassez de oportunidades igualitárias no âmbito social, educacional e profissional causam uma hierarquia social na qual o negro mas, principalmente, a mulher negra ocupam, quase sempre, a parte mais baixa e marginalizada.

Esse racismo que se perpetua sorrateiramente em grande parte da sociedade brasileira do século XXI, e que é uma herança dos 300 anos de escravidão negra no país, é castrador e cotidiano. Castrador no sentido de inferiorizar e diminuir o negro, muitas vezes, impossibilitando a legitimação e o digno pertencimento deste indivíduo na sociedade; cotidiano na medida em que, ainda que muito imperceptível, está impregnado na sociedade, tornou-se "normal", o racismo velado se esconde por trás de olhares, de julgamentos, de sentimentos de dó ou piedade, sentimentos de medo ou de repulsa do branco em relação ao negro, e que está presente em piadas, jargões e frases de efeito.

Estas reflexões são muito bem trabalhadas, pensadas e representadas nas obras literárias de Conceição Evaristo. Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma escritora negra, mineira, nascida no ano de 1946, numa favela da zona sul de Belo Horizonte. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 70 onde graduou-se em Letras pela UFRJ. Tornou-se Mestre em Literatura

Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, em 1996. Sua dissertação intitulava-se *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, em 2011, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*. Conceição Evaristo sempre trouxe consigo as reflexões e a consciência de sua negritude e da importância em trabalhar a valorização da cultura negra no país. Seja por meio da literatura, seja nos meios acadêmicos, científicos e teóricos sua escrita abrange distintos gêneros desde a poesia e os romances, até os ensaios sobre a figura da mulher negra que são estudados em muitas universidades brasileiras e estrangeiras. Algumas de suas obras, como o romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003 e *Becos da Memória*, de 2006, foram traduzidas para o inglês e francês, respectivamente.

Em 2014, a escritora publica o livro de contos *Olhos d'água* com quinze histórias que, apesar de diferentes, carregam em suas essências traços que as unificam. Todos os contos tratam das dificuldades e precariedades na vida e no cotidiano de personagens pobres e, em sua maioria, negras. As personagens femininas têm papel fundamental nas histórias. São distintas mulheres, cada qual com suas mazelas enfrentando dilemas e barreiras sociais, econômicas e culturais. São nestes fragmentos de personagens femininas que se encontra Maria, personagem que dá nome ao conto analisado neste trabalho. Maria é uma mulher comum, negra, pobre, empregada doméstica. A partir de um acontecimento e do racismo, sua vida se esvai. Apesar de envolver temas e cenas violentas, Conceição constrói uma linguagem mais voltada para o aspecto reflexivo, emocional e afetivo do que para a violência e brutalidade. Neste trabalho abordaremos questões que giram em torno da representação da personagem Maria, tanto por meio da linguagem, das palavras utilizadas pela escritora, como por meio do enredo e das ações da personagem.

Nosso objetivo é observar em que medida o racismo oculto se deixa revelar explícita ou implicitamente nas ações que se desenvolvem no decorrer do conto e como a escritora se utiliza de metáforas para representar o racismo e os resquícios de escravidão presentes no cotidiano de Maria.

1 QUESTÃO ESCRAVOCRATA

Discutir sobre as condições do negro, sobre racismo e sobre a escravidão ainda é tabu que pouco a pouco tem ganhado mais visibilidade. Talvez, possamos dizer que a própria sociedade, impregnada de seus preconceitos, silencie sobre qualquer fato que possa remexer nesta amarga parte da história brasileira.

O crítico Henry Louis Gates analisa, em *Os negros na América Latina*, publicado em 2014, o contexto histórico do período da escravidão e o contexto das sociedades contemporâneas da América Latina, nas quais as culturas, a linguagem, as idiossincrasias dos negros africanos foram trazidas e incorporadas às culturas locais, assim como o racismo, por parte de uma grande parcela da população que, também, se incorporou nestas sociedades.

Expondo as opiniões e estudos de ícones, personalidades e indivíduos comuns, Gates (2014) vai tecendo um panorama do que foi a escravidão e como ela se desdobrou e ainda persistem no sistema econômico, político e cultural brasileiro. No entanto, o autor irá ressaltar que a escravidão e a discriminação, mesmo presentes no processo de desigualdades sociais e na marginalização do sujeito negro, não são assim relacionadas. Para uma parte significativa das sociedades analisadas por Gates (2014), a exclusão e a pobreza vivenciadas pela maioria dos negros estão ligadas a qualquer outro fator, menos ao fato de que uma sociedade racista marginaliza e exclui tacitamente (ou explicitamente) os sujeitos negros.

Segundo Gates, nenhum país do hemisfério Ocidental recebeu mais africanos que o Brasil: entre os séculos XVI e XIX, o Brasil importou cerca de quase 5 milhões de africanos. Seguindo estes números, podemos constatar que:

> Como cerca de 43% de todos os escravos embarcados para as Américas acabaram no Brasil, hoje mais de 97 milhões de brasileiros, numa população total de 190 milhões, têm um nível substancial de genes africanos e se identificam como pardos ou negros no censo federal (entre cinco categorias: branca, preta, amarela, parda e indígena). Isso torna o Brasil o segundo país de população negra no mundo, depois da Nigéria, se usarmos as definições raciais empregadas nos Estados Unidos. (GATES, 2014, p. 18)

Para termos uma noção da diferença da miscigenação dos povos africanos, aqui, frente às outras nações, enquanto nos Estados Unidos, todos os afrodescendentes são classificados

como negros, no Brasil, os conjuntos raciais são tão extensos que existem pelo menos 134 categorias ou termos para nomear os afro-brasileiros:

> O negro muito escuro é chamado de "preto (ou negro) azul"; o menos retinto é "escuro"; e o de pele mais clara é "preto desbotado". Se a pessoa é clara o suficiente para passar por branca e pareça estar tentando isso, é "mulato disfarçado". "Sarará" indica a pessoa de pele clara e cabelo muito crespo. (GATES, 2014, p. 37)

Este fato, ou demonstra a grandiosidade do hibridismo das etnias ou a tentativa dissimulada de disfarçar um preconceito ao não incorporar um indivíduo na categoria dos negros, mas sim como um mulato, um pardo, ou seja, como se o termo "negro" fosse ofensivo ou excêntrico: "Você não é negro, você é moreno". A palavra "negro" tem, no Brasil, um grande peso imposto disfarçadamente na nossa cultura. Ao referir-se às características de um sujeito negro, convém atribuir o termo "moreno", pois "negro" parece para a maioria, ofensivo, remetendo a uma noção imposta ao inconsciente coletivo de que tudo que se relaciona ao "negro" é algo negativo, portanto, deve ser evitado.

> [...] as pessoas que se identificavam a si mesmas e a mim como negros faziam-no com uma certa atitude de desafio, ou como que se desculpando. Muitas pessoas queriam ser classificadas numa das tonalidades brasileiras de mulato, uma lista cromática aparentemente infinita, e não como negro, e queriam me garantir que eu também era mulato. Seriam essas categorias, esses muitos nomes de graus de mestiçagem, um escudo contra ser negro? (GATES, 2014, p. 37)

Para um estudo das condições atuais do negro no Brasil, é necessário analisar as bases que nortearam os sistemas de escravatura, ou seja, como o contexto histórico, geográfico e político do país contribuiu para uma resistência da discriminação ou para seu enfraquecimento. Para o antropólogo Kabengele Munanga, em *Negritude:* usos e sentidos (1986), a África tornou-se um "reservatório humano", não havendo a necessidade de grandes preocupações quanto às rebeliões dos povos escravizados, por exemplo.

Gates (2014) cita a conversa que teve com o professor João José Reis, da Universidade Federal da Bahia. O professor explica:

> o número de africanos trazidos para o Brasil como escravos fora dez vezes maior do que o dos levados para os Estados Unidos. Os motivos disso, [...], eram de ordem econômica e geográfica. O Brasil ficava mais perto da África do que qualquer outro destino importante no Novo Mundo (muito mais perto do que as colônias inglesas no Caribe ou na América do Norte). Na verdade, embora isso aparentemente não faça sentido, para um navio que partisse de certos portos africanos com destino à Europa, era mais fácil chegar lá passando pelo Brasil. Além disso, as terras do Recôncavo Baiano, em torno da baía de Todos os Santos, onde em 1549 se fundou Salvador, a capital da Bahia, eram férteis e adequadas a um dos produtos agrícolas mais cobiçados e lucrativos na época — o açúcar. Por isso, no início do século XVII, açúcar e Brasil eram sinônimos. E praticamente todo o açúcar era produzido por escravos. (GATES, 2014, p. 20)

Portanto, pelo fato do Brasil ser mais próximo da África em relação aos outros países, foram importados muito mais escravos por valores mínimos. Quanto menos valor tinha um escravo, menos custoso seria para trocá-lo por outro. Os portugueses faziam os escravos trabalharem até a morte: era mais barato substituí-los do que cuidar da saúde deles. Desta forma, a vida e o cotidiano dos escravos eram excepcionalmente precários, tratados como máquinas e objetos de/para o trabalho.

As comunidades negras

> são étnicas por natureza, isto é, são fisicamente diferenciáveis, ligadas por laços sociais derivados de costumes, línguas e práticas intermatrimoniais compartilhadas; possuem história, memórias coletivas, origens geográficas, visões de mundo e modos de organização social próprios. (HALL, 2003, p.67)

Contudo, as culturas e as práticas essencialmente africanas eram vistas como selvagens e primitivas, extinguir essas manifestações seria um ato civilizador. O “branqueamento” seria o método eficaz para o progresso do país, visão que ainda hoje é aceita ao consumirem positivamente a cultura europeia e norte-americana e negarem ou rechaçarem as culturas de origem africana.

Tais condições cruéis abriram uma ferida na identidade dos povos africanos trazidos para cá. Escravizados, distantes de suas culturas e tradições, de suas línguas e, principalmente, de seus conhecidos, aqueles que não morreram, trouxeram consigo e transmitiram para as futuras gerações, o peso do vazio, do não pertencimento, da desigualdade, reforçados por um

sistema racista que insiste em existir por trás de uma difundida democracia racial. Logo, embora a escravidão e a distinção das "raças" tenham sido abolidas, ainda há vestígios em nossa sociedade nos estereótipos e preconceitos com relação à figura do negro.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO E AS CONDIÇÕES DA MULHER NA SOCIEDADE

Lucia Castello Branco afirma que "[...] é no vazio, na ausência, na lacuna, que se situa e se constrói o conceito de feminino" (BRANCO, 1994, p. 63). A mulher ou o mundo feminino vive à margem e invisível. Contudo, o que pretendemos afirmar e mostrar é que, de alguma forma, este feminino está saindo da margem, se tornando protagonista e visível a todos. As novas perspectivas feministas superam, de certo modo, a lacuna, tentam assumir seu lugar frente às sociedades.

De acordo com Lacan em *Estou falando com as paredes* (2011), a sociedade, de maneira geral, cria aspectos e funções determinadas em relação aos gêneros masculino e feminino que faz com que homens e mulheres tornem- se opostos, criando hierarquias de poder na relação que eles estabelecem. O mundo do homem é firmado no conjunto, as tarefas são realizadas em conjunto, há o apoio de uns com os outros, não há riscos, os enfrentamentos da vida são realizados em conjunto. Todavia com a mulher ocorre o contrário. Relegada à solidão da casa, todo o enfrentamento é solitário.

Desta forma, sozinhas, as mulheres criam barreiras próprias para o enfrentamento do mundo que as cercam, o que Lacan (2011) chama de "paredes", dentro das quais ela possa estar "protegida". Lacan afirma que é dentro destas paredes, cercado por estas paredes que o feminino se construirá na sociedade, como uma válvula de escape para o vazio que é o feminino, como afirmou Castello Branco (1994) na citação acima. No entanto, é esta válvula de escape, esta parede dentro da qual o feminino se faz que pode condená-lo a não existir fora, a ser invisível.

Em uma perspectiva mais contemporânea do feminino, Chimamanda Adichie em suas obras *Sejamos todos feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas: um manifesto* (2017) aborda experiências que lhe ocorreram e que ilustram as condições às quais está submetida uma

mulher nas sociedades contemporâneas. Adichie é uma escritora, feminista, engajada nas causas políticas e históricas sobre reflexões acerca da mulher e da negritude, envolvendo, por vezes as relações mulher negra e sociedade. Nascida na Nigéria, no ano de 1977, escreveu diversas obras, entre elas, os romances *Meio sol amarelo* (2008), vencedor do Orange Prize, que foi adaptado ao cinema em 2013, *Hibisco roxo* (2011) e *Americanah* (2014), publicados no Brasil pela editora Companhia das Letras. Algumas de suas obras foram traduzidas para mais de trinta idiomas. Atualmente, após ter recebido uma bolsa da MacArthur Foundation, Chimamanda vive entre a Nigéria e os Estados Unidos, pensando de um polo a outro, as relações e as tensões entre culturas, entre povos e entre gêneros neste mundo globalizado, porém ainda hegemônico e preconceituoso.

Em ambas as obras aqui abordadas, Adichie irá definir do que se trata o termo "feminismo" e em que medida a humanidade foi construindo uma hierarquia na qual a mulher é inferior ao homem e como continua contribuindo para esta pirâmide social.

Na obra *Sejamos todos feministas*, a autora inicia seu discurso ressaltando os estereótipos que perseguem e limitam a expressão "feminista".

> [...] feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante. (2014, p. 12)

Adichie relata um acontecimento que lhe ocorreu durante o primário, na Nigéria. Uma professora disse para sua turma que quem conseguisse a maior nota em uma determinada prova seria o monitor da classe. Adichie tirou a maior nota, porém a professora disse que o monitor só poderia ser menino. A autora enfatiza sobre a naturalização desta crença:

> Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar "normal" que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2014, p. 14)

Cerca de 52% da população mundial é constituída por mulheres, mas a maioria dos cargos de poder e importância são ocupados por homens. Quanto mais uma mulher alcança lugares de prestígio social e profissional, menos mulheres encontram (ADICHIE, 2014). Esse cenário é um desdobramento de séculos de inferiorização e subalternização da mulher nos espaços sociais. Antigamente, humanos valorizavam aqueles que detinham a maior força física, pois esta era necessária para a sobrevivência do grupo. Neste sentido, os homens tinham vantagens por serem fisicamente mais fortes. Contudo, atualmente, a competência de um indivíduo não se dá no âmbito do porte físico, mas sim no intelectual, mental, psicológico. O indivíduo deve se engajar e buscar qualificações para aperfeiçoar suas capacidades e, neste caso, homem ou mulher podem, igualmente, serem competentes no que fazem (ADICHIE, 2014).

Adichie corrobora de certa forma o pensamento de Schmidt, quando esta afirma que o feminino é criado, na sociedade, para ser passivo ao gosto masculino, mas que é nesta medida que se sobressai:

> O feminino como passividade e conformidade, dramatizado na "estética da renúncia", na "temática da invisibilidade e do silêncio" ou na "poética do abandono" se desdobra na prática representacional de resistência, cujo consciente estilhaça o discurso das exclusões (SCHMIDT, 1995, p. 187, grifos da autora).

Embora tenham vivido num âmbito de padrões culturais masculinos, algumas escritoras desafiaram tais padrões e nos deixaram uma gama de obras genuinamente femininas, como é o caso de Conceição Evaristo, cuja escrita desafia os padrões sociais excludentes impostos ao feminino, concedendo voz àquelas tantas mulheres "invisíveis", submetidas ao silêncio, à repressão e à injustiça, que se encontram abandonadas à própria sorte e à margem da sociedade.

As mulheres são ensinadas a agradar os homens, no entanto, o contrário raramente acontece. Em muitas culturas, o estupro contra a mulher é visto como se a vítima tivesse uma parcela da culpa. Adichie enfatiza que "A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossacultura" (2014, p. 57).

Em seu outro livro, *Para educar crianças feministas: um manifesto*, a autora enfatiza a

distinção entre o espaço cedido aos meninos e o espaço cedido às meninas. Segundo ela, inconscientemente, os pais e as mães ensinam desde cedo que as meninas devem ter "mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras" (2017, p. 12)

Estas considerações são pertinentes visto que neste trabalho trataremos da condição de uma mulher, discriminada por sua cor. Mulher e negra: dois adjetivos alvos de subalternização, desprezo e discriminação nas sociedades atuais.

3 MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

De acordo com Thomas Bonnici (2007) quando se falava, até pouco tempo, de representação da mulher, pensava-se que nesta categoria estariam incluídas todas as mulheres. Contudo o crítico nos afirma que não é exatamente o que acontece. A esmagadora maioria da crítica feminina que se construiu até

o início do século XXI, mesmo em um país multirracial como o Brasil, "inculca a não existência, a ausência e a exclusão da mulher negra" (BONNICI, 2007, p. 106). Se analisarmos histórica ou literariamente a presença da mulher negra nas sociedades ou nas representações literárias, perceberemos que elas foram apagadas, e/ou excluídas de qualquer contexto. Somente agora no século XXI é que começam a surgir levantes de valorização da mulher mais marginal de todas, a mulher negra.

Organizado por Jurema Werneck, Nilza Iraci, Simone Cruz, *Mulheres negras na primeira pessoa* é uma obra que trata de vários relatos e aspectos vivenciados por mulheres negras e que perpassam a existência de muitas outras: as condições sociais, psicológicas, econômicas, profissionais e humanas. Qual a realidade da maioria das mulheres negras que vivem no Brasil? Elas têm os mesmos direitos, as mesmas oportunidades como as mulheres brancas?

Na introdução, o livro já aponta muitos dados, estatísticas e informações sobre as mulheres negras no Brasil. Apesar de ser muito objetivo, o preâmbulo cumpre com a função de chamar a atenção para a realidade dos números que é a extensão da realidade de milhares de

mulheres.

Em sociedades constituídas a partir do racismo e do patriarcado, as mulheres negras são as que mais sofrem expostas a situações de discriminação e inferiorização, causando, não raras vezes, a impossibilidade ou a dificuldade para esta mulher construir sua identidade e autoestima. Muitas negras fazem parte das camadas inferiores da sociedade, vivenciando violências e pobreza, o que pode ser o resultado de anos de discriminação e racismo.

Conforme a introdução:

> Somos [mulheres negras] a maioria (49,9%) da população feminina brasileira, compondo o contingente negro que equivale a 51% da população total do país. Dados reunidos no Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça (na quarta edição, em 2011), publicado periodicamente pelo governo brasileiro, e no Anuário das Mulheres Brasileiras de 2011, publicado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, em parceria com o governo do Brasil, ao lado de outras bases de dados oficiais disponíveis na saúde, previdência, entre outras, apontam nossa condição de maioria também entre as iniquidades sociais. Pobreza, indigência, morte precoce e evitável, violências, violação de direitos, restrições à livre expressão sexual, incidência crescente de infecção por HIV/AIDS, baixo acesso à terra e à moradia adequada – urbana e rural –, estão entre os desafios enfrentados por nós, mulheres negras, na maior parte das vezes, em isolamento. (WERNECK, *et al*., 2012, p. 14)

A inserção da mulher negra no mercado de trabalho também se dá de forma conturbada, isso quando ocorre a inserção. Segundo estimativas, seis milhões e meio de mulheres exercem o serviço doméstico, sendo que 61,6% são negras. O emprego doméstico, normalmente, envolve precárias condições de trabalho, baixa remuneração e o descumprimento de normas e direitos trabalhistas e, a depender, uma relação preconceituosa entre patrão e trabalhador. No caso das mulheres negras, em comparação às brancas e aos homens brancos, qualquer trabalho vem com uma carga mais pesada, com menos remuneração e menos privilégios, ou seja, mais desigualdades. A mulher negra está constantemente exposta e subordinada a degradações e inferiorizações (WERNECK, *et al.*, 2014).

Em outra obra, *Mulheres Negras:* um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil (2009), organizado por Jurema Werneck, há vários ensaios de pesquisadoras e escritoras que pensam sobre as questões que envolvem a mulher negra. O ensaio de Nilma Bentes: “Um afro-negro teorema: Impossível enfrentar o racismo sem desagradar racistas”,

enfatiza que.

> Entre as principais consequências [...] da permanência do racismo, continua sendo a forte indução para que a população negra mantenha uma baixa autoestima coletiva, uma vez que a maioria de nós, está aprisionada, ainda, à falsa ideia de que pertencemos à uma raça inferior e de que o viver desfavorável a que a maioria de nós vem sendo submetida, está, ligado, apenas, à histórica 'pobreza' imposta pelo sistema econômico. (BENTES, 2009, p.62)

A autora ainda ressalta que se existem brancos e negros na miséria e pobreza, quando se observa o lado oposto, as camadas mais altas e privilegiadas da sociedade, a presença de negros é insignificante. Neste sentido, o racismo e seus estigmas contribuem significativamente para a precariedade das condições econômicas na medida em que os negros são preteridos desde os cargos mais simples, aos mais complexos e são menos remunerados que os brancos, mesmo cumprindo o mesmo trabalho.

Em outro ensaio, "Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo"; de Jurema Werneck, é discutido sobre a formação da identidade da mulher negra. De acordo com a autora, as mulheres negras não existem na medida em que suas identidades foram forjadas por meio do olhar e da cultura do branco europeu:

> [...] as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (WERNECK, 2009, p. 76)

Este fragmento é pertinente e interessante visto que ressalta o quanto refletir sobre a identidade do sujeito negro e colonizado é um ato complexo, embora pareça simples. O que é genuinamente negro na população negra brasileira? O que significa ser genuinamente negro? Viver sua negritude? Estas questões permeiam as obras de intelectuais, pesquisadores e escritores que pensam sobre a condição do negro nas sociedades. Ser negro no Brasil está relacionado a ser o que deixaram que os negros fossem. A identidade do negro está vinculada

a se desvencilhar do preconceito, a provar que é tão competente e útil quanto o branco, a demonstrar seu valor, a solicitar direitos e justiças que lhes foram negadas, a buscar e valorizar uma autêntica negritude em si. Isso significa que ser negro é viver sob esta condição, viver mostrando aos outros o óbvio: que a cor não determina nada.

Werneck enfatiza a necessidade de a voz negra ser ouvida, do discurso do sujeito negro ter o seu valor e espaço na contemporaneidade.

> De todo modo, ainda nos resta a tarefa inconclusa, ou pouco valorizada, de buscar a voz própria. Refiro-me à busca de outras formas possíveis ou desejáveis de expressão e representação do que fomos, do que poderíamos ter sido, do que desejamos ser, antes e além do eurocentrismo e suas pressões simbolizadas pelo racismo heterossexista, sua dominação econômica e seus ataques no plano simbólico. (WERNECK, 2009, p. 84)

Refletir sobre a mulher negra na sociedade é um meio de não fazer com que tal tema seja esquecido. Não deve ser esquecida a escravidão e os acontecimentos que a envolveram. Deve-se propor meios de estudá-la para garantir que ela não continue, implicitamente, a fazer parte do cotidiano de muitos indivíduos negros. Escutar o sujeito negro falar por si e sobre si talvez seja uma destas formas de apresentar a versão do negro, a voz do negro, em contraposição ao que vinha acontecendo: brancos falando sobre escravidão e sobre as condições dos escravos.

4 A MULHER NEGRA E AS BARREIRAS

A obra *Olhos d'água*, publicada em 2014, revela o empenho e o envolvimento de Conceição Evaristo no manejar da linguagem ao escrever sobre temas polêmicos e fortemente sociais como as violências, a miséria, a fome, as injustiças, as desigualdades, o preconceito, a homossexualidade. A escrita de Evaristo não é rude ou fria e provoca no leitor um sentimento de impotência frente a tantas barbaridades, injustiças e pobreza que são retratadas de modo tão verossímil e afetivo. Sem ser piegas, a escritora trabalha com uma linguagem enxuta, objetiva, emocionante e impactante. Sem rodeios e sem muitos adornos, o que talvez faça suas narrativas

terem mais impacto, Evaristo formula contos que são únicos e que refletem a consciência da escritora frente ao poder que lhe é atribuído: de perpetuar e causar reflexões por meio da literatura. Sobre esta escrita de Conceição, Marisa Lajolo (2016, s/p) considera:

> A perspectiva em que as histórias são narradas faz toda a diferença no coração e na cabeça dos leitores, irremediavelmente envolvidos pelo que leem. Em cada conto, o enredo começa como que de repente: constrói-se aos poucos, descolando-se de pequenos nadas, de gestos cotidianos, de sensações imprecisas. "Coisas nenhumas" que nas mãos da escritora e na voz da narradora fazem toda a diferença. E o leitor não larga a leitura, embora às vezes possa alongar o olhar do livro, para suas próprias lembranças.

Num depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG, Conceição Evaristo, falando sobre si mesma, ressalta o quanto sempre, desde a infância, teve a consciência de sua cor e das barreiras que a sociedade lhe poderia impingir devido a sua negritude. Conceição foi registrada, pelas informações de sua mãe, como um recém-nascido do sexo feminino e de cor parda: "Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra" (EVARISTO, 2009, s/p).

Muitas das histórias que escreve são baseadas no neologismo que criou: "escrevivência", ou seja, as condições, experiências e vivências enfrentadas por ela e que marcaram e demarcaram a consciência de sua escrita. Acontecimentos como estes atravessam suas obras: nunca conheceu o pai biológico, tendo como referência paterna o padrasto; presenciava o choro e os sofrimentos da mãe quando vivenciaram as fases de extrema pobreza; Conceição, assim como as mulheres de sua família, trabalhou de doméstica; durante um longo período sua família conseguiu sobreviver a partir dos restos do lixo dos indivíduos ricos.

Ao ser matriculada pela mãe em escolas que embora públicas atendessem a classe alta de Belo Horizonte, Conceição Evaristo passará por discriminações raciais e sociais que aumentarão a consciência de sua negritude e suas reflexões sobre o racismo e desigualdades:

> Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um "apartaid" escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. (EVARISTO, 2009, s/p)

Evaristo sempre constrói metáforas e analogias que representem simbolicamente a perpetuação da escravidão negra na sociedade brasileira, no trecho acima temos as expressões: "'apartaid' escolar", "Porões da escola, porões dos navios". No conto abordado neste trabalho também são perceptíveis tais relações, vejamos a seguir.

> Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro- brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um corpus literário específico na Literatura Brasileira. Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. (EVARISTO, 2009, p. 17)

Contudo, conforme vimos no primeiro capítulo, a sociedade brasileira tenta, mesmo que de forma sutil, apagar ou ignorar a presença dos povos afrodescendentes, a herança dos 300 anos de escravidão negra, para uma parcela da sociedade deve ser apagada, ignorada, contudo por meio da ficção estes herdeiros podem buscar abrigo e se reinventarem, nesta mesma parcela encontra-se a mulher negra que, no interior do discurso literário consegue ganhar nova, e talvez inédita, expressividade.

Para Evaristo,

> A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-

> objeto de prazer do macho senhor.
>
> Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2009, p. 23)

À margem da margem, a mulher negra se constrói a duras penas na literatura brasileira, qualquer espaço lhe é negado. Mesmo nas histórias de maior sofrimento a mulher negra, quando aparece, é coadjuvante. Todavia, nas obras de Conceição Evaristo a mulher negra torna-se a grande musa, aquela que inspirará todas as histórias, mas será uma musa sofredora. Afinal, não há no Brasil, ainda, uma sociedade em que ela não sofra. Se literatura é um processo que se baseia no real empírico para se construir, as obras de Evaristo não poderiam ser de outra forma.

5 MUITAS "MARIAS" EM UMA SÓ "MARIA"

No conto "Maria", de Conceição Evaristo, são enfatizados temas muito recorrentes nas obras da autora: pobreza, discriminação, violência, a vida criminosa, a fronteira entre a vida e a morte. O título, já de início, pode ter várias interpretações. Maria é o nome da personagem principal e também é o primeiro nome de Conceição Evaristo e o primeiro nome de suas três irmãs: Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. O nome Maria é simbólico. Por ser um dos nomes mais comuns, pode representar aquela mulher comum, uma "Maria" entre tantas outras, uma insignificante socialmente. No entanto, Maria também foi o nome de uma das figuras femininas mais significativas na religião cristã, a mãe do filho de Deus. No conto de Evaristo, Maria é negra e trabalha como empregada doméstica têm três filhos. A narrativa começa relatando que ela estava a cerca de meia hora à espera do ônibus, num dia que parecia ser mais um dia qualquer de sua vida simples e corriqueira. O narrador revela que "Se a distância fosse menor, teria ido a pé" (EVARISTO, 2014, p. 24), o que faz refletir sobre uma possível predestinação dos acontecimentos que viriam a acontecer, indícios de uma tragédia pressagiada.

Os espaços nos quais irá transcorrer a narrativa são o ponto de ônibus e o ônibus. O

ponto surge como o lugar de espera e de encontro com o inesperado e com a morte. O ônibus será o espaço que inicialmente proporcionará as reminiscências e memórias do passado, por meio da fala do homem que foi seu companheiro e depois será o espaço de solidão e morte. Veremos que, assim como o espaço, muitos são os elementos simbólicos presentes no conto.

> É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade. (BACHELARD, 2008, p. 29)

Seguindo a proposição de Bachelard, é no espaço que se dá toda a realização das ações das personagens, mesmo aquelas que realizam ações silenciosas, como as recordações, ou as mais brutais e barulhentas, como o ataque. O espaço do conto é apertado e incômodo.

O foco narrativo do texto é em 3ª pessoa, sendo o narrador onisciente neutro, aquele que sabe tudo o que acontece no enredo, conhece as personagens mas não faz parte da narrativa. Os verbos estão, em sua maioria, no pretérito: “estava”, “teria”, “daria”, “tinham”. A escolha do pretérito torna o texto um relato de algo que já se passou e que inevitavelmente não poderá ser mudado, apenas rememorado. Aí reside o efeito de maior impotência do leitor: a narrativa está a dizer de algo que já aconteceu, não há possibilidades de outros caminhos. De acordo com a tipologia de Friedman, esclarecida por Ligia Chiappini Moraes Leite:

> A segunda categoria de Friedman, o narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro, fala em 3.a pessoa. Também tende ao SUMÁRIO embora aí seja bastante frequente o uso da CENA para os momentos de diálogo e ação, enquanto, frequentemente, a caracterização das personagens é feita pelo NARRADOR que as descreve e explica para o leitor. As outras características referentes às outras questões (ângulo, distância, canais) são as mesmas do AUTOR ONISCIENTE INTRUSO, do qual este se distingue apenas pela ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sobre o comportamento das personagens, embora a sua presença, interpondo-se entre o leitor e a HISTÓRIA, seja sempre muito clara (LEITE, 2002, p. 32).

Em toda a narrativa o narrador se porta de maneira onisciente, sabe o que se passa na mente de Maria, suas lembranças, toda a tragédia que se abaterá sobre ela, contudo nunca

interfere nos acontecimentos do texto, ele não a salva.

Maria, antes de entrar no ônibus, é descrita como cansada, mas feliz apesar de cansada. O narrador relata que "No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa" (EVARISTO, 2014, p. 24).

Além dos restos de alimentos, Maria havia ganhado uma gorjeta. Este fragmento pode ser lido no plano simbólico como uma alusão ao período da escravidão na qual os escravos negros se alimentavam das sobras dos senhores branca. A escravidão não foi extinta como muitos acreditam, ela resiste por trás de mecanismos e convenções de exclusão, de segregação e de privilégios. Muito do que acontecia no período da escravatura ainda acontece atualmente de outros modos, fazendo com os indivíduos aceitem como algo natural.

O narrador nos revela que a patroa ia jogar fora o osso do pernil, demonstrando o quanto o supérfluo e o que é considerado lixo para uns, pode ser o necessário, a alimentação e o motivo de alegria de outros. Isso remonta à fala de Evaristo:

> [...] nós conhecíamos nas [ruas] de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos. (EVARISTO, 2009, s/p)

Ainda para o narrador a gorjeta havia chegado à boa hora, pois os dois filhos menores estavam gripados. Daria para comprar o remédio e também uma lata de Toddy. As frutas estavam em ótimo estado, o que nos faz perceber novamente sobre as desigualdades. Mesmo o alimento estando em boas condições, é desperdiçado por quem tem vida financeira estável e é reaproveitado por aqueles que passam por dificuldades financeiras. Os filhos de Maria nunca tinham comido melão e Maria se perguntava se eles gostariam da fruta. Este primeiro parágrafo já demonstra a dedicação da mãe para com os filhos. Toda sua gorjeta será utilizada em benefício dos filhos e as frutas também.

Podemos perceber, a partir do trecho citado acima do conto de Evaristo que, quando se

trata da representação do pobre, do negro, daquele que tem menos, há uma interessante reivindicação por alimento, ou pelo excesso dele por parte de alguns. Fazendo um parêntese na discussão tomamos um trecho da novela "O trabalho sujo dos outros", de Ana Paula Maia, em diálogo com o conto de Evaristo.

> Erasmo Wagner só conhece uma espécie de lixo. Aquele que é jogado pra fora de casa. A imundície, o podre, o azedo e o estragado. O que não presta pra mais ninguém. E serve apenas para os urubus, ratos, cães, e pra gente como ele. (MAIA, 2009, p. 56)

O que não serve mais para ninguém, ou seja, para uma sociedade abastada, serve para gente pobre que é menos que "gente", que, talvez, seja vista como menos humana. Para Maria, servem os restos, serve tudo o que foi jogado no lixo. Será que a patroa de Maria não a imagina como o próprio lixo?

Voltando ao conto de Evaristo, o segundo parágrafo é bem curto no qual o narrador informa: "A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!" (EVARISTO, 2014, p. 24). Este trecho também pode ser lido como uma alusão ao escravismo. Durante a escravidão, os negros eram responsáveis pela mão-de-obra nas plantações, nas extrações de minerais e ouro das minas, ou seja, nos serviços braçais e perigosos. Maria, negra, empregada doméstica, sofreu um corte em sua mão no momento de trabalho. Também podemos interpretar o corte como uma metáfora à ferida aberta do racismo que ainda dói e estigmatiza os indivíduos negros.

Segundo Joly (2005, p. 89-90),

> [...] no campo das representações culturais, o termo "escravidão" revestia-se de toda uma gama de significados negativos, de modo que não se encontra nos autores antigos nenhuma crítica à escravidão como instituição, mas antes a crítica a uma racionalidade servil, ou seja, à adoção pela camada senhorial de traços de caráter queseriam próprios de um escravo: a falta de autocontrole, o apego a bens materiais, o egoísmo, o individualismo, a adulação dos superiores, etc. Em outras palavras, diluía-se assim no campo moral a divisão entre livres e escravos, estabelecendo-se como que uma relação dialética de mutua determinação entre escravidão e liberdade.

Percebe-se neste trecho de Joly a distância que se estabelecia entre as duas classes

(dominante e dominada). Distância esta que Maria tem de sua patroa e, provavelmente, de todos os que a cercam naquele ambiente onde ela é mais um objeto dentre tantos da casa.

Contudo, um dado importante: o leitor descobre que Maria é negra nos últimos parágrafos do conto. No princípio o que temos são alguns elementos e informações sobre a personagem que, a partir da descoberta de sua cor e do racismo sofrido, pode ser relacionado a outros aspectos e serem interpretados de modo simbólico.

Ao dar início à trama mais violenta do conto, o narrador nos conta que o ônibus chega meio vazio. Maria acreditou que poderia descansar e cochilar até sua descida. Porém, ao entrar, um homem levanta de seu banco e paga a passagem dela. Este homem não será nomeado. Conforme as falas, descobrimos que se trata de um namorado antigo, pai do seu primeiro filho. Pelos discursos indiretos, a descrição do narrador se mistura aos diálogos e recordações das personagens. Maria tem muito afeto por este homem:

> Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se ao seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? (EVARISTO, 2014, p. 24)

No trecho acima ficamos sabendo que o casal, enquanto viveu juntos, morara em um barraco, possivelmente em condições precárias. Também há o adjetivo “assustado” caracterizando o olhar deste homem, o que foi um sinal ou um prenuncia do narrador para implicitamente nos revelar que o homem poderia ter algum motivo para agir sempre de modo assustado, não se fixando nas pessoas. Em outro trecho, mais à frente, o narrador o adjetiva como estático, preso e fixo no banco, cochichava com Maria mas sem virar o rosto para a direção dela. O verbo “cochichar” é significativo na medida em que é sinônimo de “sussurrar”. Além de falar baixo, como se contasse um segredo, o homem evita olhar as pessoas ao seu redor, possivelmente por causa do que faria em seguida.

O narrador afirma que Maria sentiu uma mágoa imensa. E surgem duas perguntas: “Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes?” (EVARISTO, 2014, p. 24). Estas questões podem significar que Maria já tinha conhecimento da vida criminosa do homem, ou que o homem a havia abandonado sem dizer as causas.

Para Beth Brait,

> Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis aos seus movimentos. (BRAIT, 1993, p.52)

Tudo o que nos é contado sobre Maria faz parte da grande poção, para usar o termo de Brait, que compõe o conto, o narrador é sempre preciso ao construir suas personagens.

De volta ao conto, o homem pergunta se Maria teve outros filhos. Maria baixa o olhar pedindo perdão por ter tido mais dois filhos de outros relacionamentos. Temos então uma vergonha, uma submissão que é imposta e ensinada às mulheres. Na educação das meninas existem valores distintos da educação dos meninos. Isso confirma o pensamento de Adichie (2014, p. 40) sobre o machismo presente nas sociedades:

> Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote.” Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte.

A mulher deve, de preferência, casar virgem e ter um só homem por toda a vida. A mulher, se não é casada e tem filhos é mãe solteira. O homem, se não é casado e cuida dos filhos é pai. A mulher sempre está condicionada a um casamento ou à fidelidade ao homem. Mulher que tem muitos namorados ou filhos de pais diferentes pode ser julgada e mal vista pelos olhos da sociedade. A mulher, quase sempre, é o indivíduo que fica responsável por cuidar, sozinha, dos filhos. Sobre isso Adichie (2017, p. 9) enfatiza que:

> Nossa cultura enaltece a ideia das mulheres capazes de “dar conta de tudo”, mas não questiona a premissa desse enaltecimento. Não tenho o menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto desse debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina, ideia que repudio vivamente. O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar.

Em nenhum momento Maria revela que sente raiva ou rancor pela atitude do homem em tê-la abandonado e não ter se preocupado com a criação do filho. Parece que ela, assim como as mulheres em geral, considera que o papel de educar e alimentar os filhos sejam biologicamente femininos. O homem pode ter a liberdade da escolha entre cuidar ou não.

Em seguida, pelo discurso do narrador, talvez o pensamento ou a fala de Maria: “Eles [os filhos] haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (EVARISTO, 2014, p. 24-25). Diferente no sentido de ter uma vida mais equilibrada financeiramente, um trabalho honesto ao contrário do “trabalho” realizado pelo homem.

Embora o homem falasse baixo, Maria conseguiu entender do que se tratava a fala dele. Seus sussurros falavam de saudades, “de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida.” (EVARISTO, 2014, p. 25). Mais uma vez temos palavras que podem ter vários sentidos de acordo com o desfecho do conto: vida, morte e despedida são palavras-chave que representam o final da história e podem ter sido escolhidas pelo narrador para dar a entender que o destino já estava traçado e eles sentiam o que viria a acontecer.

O homem manda um abraço para o filho e logo após saca uma arma. Seu colega que estava sentado atrás anuncia o assalto. Apesar de Maria conhecer o homem, fica com medo de perder a vida e de não poder cuidar da vida dos três filhos. O cúmplice recolhe todos os pertences dos passageiros que permaneceram em silêncio.

Maria fica com muito medo, talvez sentisse que algo lhe aconteceria:

> O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O

> comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. (EVARISTO, 2014, p. 25).

Simbolicamente, o único "pertence" que Maria tinha era o corte, a ferida na mão. Antes, durante e após a abolição, também os negros só tiveram a ferida que a escravidão lhes causou. Os únicos que não foram assaltados foram Maria e "um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembrava vagamente o seu filho" (EVARISTO, 2014, p. 25). Isso gera a desconfiança e o ódio de um passageiro que acaba com o silêncio:

> Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. (EVARISTO, 2014, p. 25)

A voz que não se sabe se é masculina ou feminina insulta Maria com dois adjetivos que são xingamentos. No entanto, apesar de muito desrespeitoso, ainda não tem conotação racista. No entanto, em seguida:

> Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. [...]. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. (EVARISTO, 2014, p. 25).

Os termos usados para classificarem Maria são: "negra safada", "puta", "negra" e "atrevida". Descobrimos que o dono da voz é um homem. Este homem, pelo vocabulário empregado para ofender Maria, tem atitudes racistas. O termo "negra" foi empregado num sentido pejorativo, como se o fato dela ser negra fosse motivo determinante do seu caráter. Não se ouve, por exemplo, alguém dizer: "branca safada" ou "branca atrevida". O termo "negra" ou

“negro” surge como adjetivo sempre atribuindo uma carga negativa a aquele ao qual se destina.

Não bastando ofender verbalmente e ser preconceituoso, o homem ainda tem a desprezível atitude de dar um tapa em Maria após ela lhe responder que não conhecia os assaltantes e que não devia satisfação as pessoas. Após alguém gritar para lincharem Maria, alguns passageiros, como uma massa manipulada e instintiva, alienados em sua ignorância, insensatez e preconceito, partem para bater nela. O motorista tenta defendê-la dizendo que a conhecia e que era uma mulher que trabalhava para sustentar os filhos, porém ninguém escuta.

Durante as agressões, “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?” (EVARISTO, 2014, p. 26).

A pergunta sobre o melão, assim como outras perguntas, fica ecoando no imaginário de quem lê a história. As perguntas, neste conto, são respostas. Respostas que ultrapassam as perguntas e caem no terreno do simbólico e literário. “Será que os meninos gostam de melão?” (EVARISTO, 2014, p. 26), não tem como resposta um sim ou não, mas trata-se de um artifício retórico para preparar o leitor para a descoberta de que Maria nunca saberá esta resposta: a pergunta corresponde a ausência de Maria, a sua morte.

No penúltimo parágrafo:

> Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. (EVARISTO, 2014, p. 26).

Neste parágrafo evidencia-se que Maria tentou resistir por seus filhos: “Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida” (EVARISTO, 2014, p. 26). Ela precisava sobreviver para cuidar dos filhos. Mas os passageiros estavam armados, com seus próprios punhos, ódio e preconceito, e foram tão cortantes quanto a faca- laser.

O conto se encerra com o seguinte fragmento: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2014, p. 26). Este trecho, como outros, confirmam a linguagem objetiva e impactante de Conceição Evaristo. Sem conclusões ou julgamentos, o narrador deixa para o leitor decidir qual sentimento terá a partir do que foi exposto. Ainda que objetivo, o narrador permite que a emoção surja na brevidade dos períodos, dos diálogos e dos acontecimentos o que demonstra o quanto à escrita de Evaristo carrega a sabedoria de saber a dose certa de linguagem, de emoção e de brutalidade que convém para deslocar e perturbar a consciência que poderia estar antes, tranquila, do leitor.

CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho foi analisar como se deu a representação da personagem Maria, mulher, negra e doméstica, no conto homônimo de Conceição Evaristo, de modo a refletir e a observar como a escritora - consciente tanto de sua negritude como da presença do racismo que se perpetua e se camufla na sociedade brasileira -, cria e combina metáforas e situações que demonstram sutil ou explicitamente que o sistema, as posturas e as ideologias irracionais e preconceituosas que exploraram, estigmatizaram e inferiorizaram os negros ainda persistem na contemporaneidade e são mais nefastas quanto menos se deixam mostrar, ocultando-se por detrás de propagações ilusórias da noção de democracia racial.

A democracia racial algum dia foi mais do que uma utopia na realidade brasileira? A democracia racial se efetivou no contexto brasileiro? Estas são questões que ecoam em todo esse trabalho, do início ao fim. Questões que tendem mais para o “não” do que para um “talvez”. A pretensão é alcançar, quiçá numa época não muito distante, um “sim” como resposta para tais indagações. Apesar de surgirem muitos movimentos que visavam a libertação negra e o enaltecimento da negritude em contraposição ao “embranquecimento” do sujeito negro, o que se tem ainda atualmente são conjunturas, expressões, frases de efeito e atitudes racistas que se escondem sob o pretexto de fatores culturais, sociais, econômicos e se justificam ou se explicam, muitas vezes, como decorrências de casualidades, do acaso que despretensiosamente rebaixam o sujeito negro e proporcionam-no um espaço de marginalidade, violência e miséria.

A escrita de Evaristo se inscreve no âmbito da literatura negra e feminina revelando um mundo paralelo ao mundo da literatura, ressaltando personagens, elementos e espaços marginalizados e que são pouco prestigiados no discurso literário. No conto “Maria”, abordado nesse trabalho, há marcas e metáforas de estruturas, estigmas e preconceitos antigos que estão impregnados na memória coletiva desde a época da colonização e da escravatura. Enquanto mulher negra, Maria é duplamente discriminada. Dois atributos que somados ao fator da classe social (sendo ela uma empregada doméstica que muitas vezes só tinha o básico) contribuem, na narrativa, para a construção de um cenário injusto e truculento, no qual, paradoxalmente, apesar de ser extremamente discriminatório, brutal, fazendo com que o leitor não queira acreditar em tamanha crueldade, por outro lado revela que todos os acontecimentos narrados são passíveis de acontecerem e, sabemos, acontecem diariamente.

Com muita sensibilidade, sensibilidade de alguém que já vivenciou muito do que se estampa na escrita, Evaristo tece esse conto, assim como outros, baseados em suas “escrevivências” e memórias de experiências que construíram sua identidade e a tornaram consciente de sua negritude e da necessidade de resistência. A literatura como um espaço que proporciona poder e visibilidade deve, pertinentemente, abordar temas como estes, pondo o dedo numa ferida que dura mais de séculos e que impede a legitimação e a constituição da identidade de milhares de sujeitos negros.

O Brasil é um país extremamente racista. O pior cego é aquele que não consegue enxergar o que se esconde por trás de marginalidades, piadas e números de estatísticas. Indivíduos negros nascem já demarcados e estigmatizados: o que ocorre durante sua formação humana é a confirmação cotidiana do peso da escravidão. Sobre a figura do negro contemporâneo há resquícios das feridas dos seus antepassados. Resquícios de feridas provocadas por chicotadas e facas a laser que continuarão a cortar, sem deixar que cicatrize legitimados pelo pretexto da democracia racial.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto.* Trad. Denise

Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENTES, Nilma. Um afro-negro teorema: Impossível enfrentar o racismo sem desagradar racistas. In: WERNECK, Jurema. *Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Criola, 2009.

BERND, Zilá. BERND, Zilá. Literatura e identidade nacional. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista. Maringá: Eduem: 2007.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1993.

BRANCO, *Lucia* Castello. *A Traição de Penélope*. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 1994.

EVARISTO, Conceição. *Literatura Afro-Brasileira* – UFMG: Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>.Acesso em: 11 set. 2018.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

_____. *Maria* - Literatura Afro-Brasileira – UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/925-conceicao- evaristo-maria>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Maria. In: *Olhos d'água*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014, p. 24-26.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Significado do nome Maria*. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/maria/>. Acesso em: 11 set. 2018.

FANON. Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GATES JR, Henry Louis. Brasil: "Que Exu me conceda o dom da palavra". In: *Os negros na América Latina*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LACAN, Jacques. *Estou falando com as paredes*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LAJOLO, Marisa. Olhos d'água, de Conceição Evaristo. 2016. *LITERAFRO* – Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 12 set. 2018.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. A tipologia de Noman Fridman. In: *O Foco Narrativo ou a*

polêmica em torno da ilusão) 10 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MAIA, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude*: Usos e Sentidos. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe. (Org.). *Rompendo o silêncio*: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Universitária/UFRGS, 1995.

WERNECK, Jurema. (Orgs). Introdução. In: *Mulheres negras na primeira pessoa*. Jurema Werneck, Nilza Iraci, Simone Cruz. Porto Alegre: Redes Editora, 2012.